

Mais do Mesmo

Segundo o Dicionário Aurélio, a definição de crise é a seguinte: "Momento perigoso ou difícil de uma evolução ou de um processo; período de desordem acompanhado de busca penosa de uma solução."

Crise também dá uma ideia de movimento, de agitação e de surpresas. **A imprensa destaca a palavra "crise" em quatro de cada cinco frases usadas quando o assunto é economia global.** É intrigante observar como o índice que mede a volatilidade do índice S&P500, usado como uma aproximação de risco global, pode estar nas suas mínimas (vide abaixo) se estamos atravessando a pior crise econômica desde a depressão de 1929.

Como explicação, duas possibilidades: a primeira é que a crise propriamente dita já passou e estamos no momento da "busca penosa". A segunda é que estamos no olho do furacão, gozando de relativa pasmaceira, porém com bastante tormenta nos esperando. Tendo a crer mais na segunda do que na primeira, até porque "busca penosa" por definição não pode ser feita de maneira tranquila.

O mês de agosto foi marcado por um mercado global de baixos volumes, com gestores e traders do hemisfério norte aproveitando as suas férias de verão, tranquilos com as palavras (do fim de Julho) do presidente do BCE, Mario Draghi, que faria o que fosse necessário para salvar o euro (leia-se, imprimir dinheiro). Na última reunião anual, em Jackson Hole, o presidente do FED já deixou praticamente encomendado um novo afrouxamento quantitativo, o terceiro desde 2008. No caso europeu a encomenda parece certa, mas ainda falta combinar com os russos.



No caso europeu os russos estão logo ali e têm a chave do cofre. São os alemães. **O presidente do Banco Central Alemão, Jens Weidman, foi bem claro ao afirmar que a ideia de comprar títulos da dívida de países enforcados, usando dinheiro impresso pelo BCE, é ruim em essência, por socializar os riscos entre contribuintes que não têm nada a ver com as desventuras gregas e espanholas e também por ter potencial inflacionário.** Portanto não podemos esperar uma solução fácil e sem solavancos para a Europa. **No caso americano, notamos que a cada operação de afrouxamento quantitativo, os efeitos, tanto nos mercados quanto na economia real, são cada vez mais fracos.** O doente já não reage tão bem e exige doses maiores de morfina. Já tratamos aqui neste espaço dos problemas fiscais americanos, e seja lá quem ganhar as eleições de 2012 terá, em 2013, que fazer ajustes orçamentários. **Colocando de maneira simples, todo devedor tem um credor e a condição básica para que o devedor continue existindo é que o credor continue rolando a dívida.** Quando a rolagem é suspensa, o devedor quebra, sendo pessoa física ou jurídica, ou se for governo você imprime dinheiro.

No cenário doméstico, houve uma pequena mudança de rumo na (des) orientação da política econômica. **Mesmo sem admitir que o modelo de crescimento pela demanda (crédito) está esgotado o governo resolveu estimular a oferta (investimentos) com o seu modelo de privatizações em rodovias e ferrovias.** Trata-se de uma privatização disfarçada (do tipo "fumei, mas não traguei") mas que no fundo entrega para iniciativa privada a concessão destes ativos. A iniciativa já está sendo saudada pela imprensa como um choque de capitalismo de Dilma. Calma lá, que o andar é de barro. As primeiras concessões da "capitalista" não deram em nada de positivo, por hora. Tentam forçar uma taxa interna de retorno (TIR) patrioticamente baixa, algo entre 1% e 2% ao ano. Naturalmente os investidores profissionais ficaram de fora e os grupos (estrangeiros) que se animaram com a TIR social simplesmente não entregaram as obras. Vejam o seguinte trecho, extraído do portal globo.com.

Quatro anos após a privatização pelo governo Lula, muitas obras que já deveriam ter sido entregues ainda se arrastam em algumas das principais rodovias do país, apesar de todos os pedágios estarem sendo cobrados desde os primeiros meses. Segundo reportagem do jornal O Globo, na BR-101, entre Niterói e o Espírito Santo, nenhum dos 176 quilômetros de duplicação prometidos foi entregue. Na rodovia Fernão Dias, o trecho em obras foi simplesmente abandonado. Os pedágios nas três rodovias variam de R\$ 1,40 a R\$ 3,10 para os carros de passeio.

O problema não está com o discurso (sempre recheado de boas intenções) e sim com a prática, que é recheada de atrasos e ineficiências. O estado brasileiro, que não era dos melhores, parece que ficou pior ainda nos anos do PT.

No front do soldado Tombini, **a taxa básica de juros ganhou uma nova mínima histórica de 7,5%. Com a inflação rodando em 5,5% (para você que é um pouco mais abastado do que a média, o índice é certamente maior), o juro real, já descontado o imposto de renda de cerca fica em +1,60% ao ano.** Trocando em miúdos, se você está com 60 anos e se aposentando com uma reserva financeira de R\$ 1 milhão terá apenas uma renda de R\$ 1,3 mil por mês caso deseje não erodir o seu patrimônio. Há não muito tempo atrás (digamos, juros reais de 6%) você podia contar com R\$ 5 mil por mês. **Quais as implicações disso?**

No âmbito macroeconômico, o livro de bolso nos diz que juro real menor tira o dinheiro das aplicações financeiras e o direciona para investimentos na economia real, trazendo assim mais crescimento e emprego. Será que no Brasil isso vale? Com impostos altos, regras desiguais entre diversos setores, infraestrutura em frangalhos e um judiciário lento, o candidato a empreendedor (inteligente) pode não só deixar de investir, como começar a poupar mais (e/ou gastar menos) para fazer frente a este novo cenário de juros reais baixos. Ou seja, menor crescimento tanto pela oferta, quanto pela demanda. O plano de Dilma parece interessante, mas será que ela combinou com esses malditos russos?

No âmbito das finanças pessoais o mantra diz que juro real é a senha para o investidor buscar mais risco. Será? Quem foi para a bolsa (especialmente o índice Bovespa) tem sofrido com uma "venezualização" da Petrobrás e atos de selvageria governamental contra diversos setores como o financeiro e o de telecomunicações. **Porém, bons gestores têm conseguido selecionar as empresas vencedoras neste ambiente complicado.**

Os fundos multimercados, de uma forma geral, estão tendo um bom ano, mais pelas apostas em redução dos juros nominais e reais do que qualquer outra coisa. Com os prêmios no mercado de juros já magros a pergunta é como eles irão continuar a entregar.

No setor de imóveis, já se nota quedas pontuais de preços. Não acreditamos em "desabamentos", pois do lado da oferta estamos tendo ajustes com as construtoras cortando pela metade os lançamentos em 2012. O mais provável são preços estáveis (ou queda marginal) por um bom tempo. **Então, comprar para especular no preço do metro quadrado não dá mais. O que ainda dá é seletividade e localização inteligente sendo usadas para geração de renda.**

Ou seja, **o cenário é financeiramente repressivo (juros baixos e inflação animadinha) e prêmios magros nos mais diversos mercados.** Isso nos remete para um certo conservadorismo (afinal as crises sempre estão aí para dar oportunidades para quem tem caixa) no lado dos investimentos e para um viés de menos gastos e mais poupança no lado das despesas do dia a dia. **Chegar na idade de ouro, wealthy and healthy (próspero e saudável) não é corrida de cem metros. É maratona.**